

IMPACTO DO ISOLAMENTO SOCIAL EM PESSOAS COM “TDAH”: EXPERIÊNCIAS PARTILHADAS EM COMUNIDADES VIRTUAIS DURANTE A PANDEMIA

IMPACT OF SOCIAL ISOLATION ON PEOPLE WITH “ADHD”: SHARED IN VIRTUAL COMMUNITIES DURING THE PANDEMIC

Maycon Hoffmann Cheffer¹
Jaqueline de Lima²
Renata Zanella³
Terezinha Aparecida de Campos⁴
Luana Patricia Weizemann⁵
Ieda Harumi Higarashi⁶

RESUMO

Objetivo: descrever o impacto do isolamento social causado pela pandemia da COVID-19 em indivíduos com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Métodos: A pesquisa foi desenvolvida na perspectiva da Antropologia Médica. A etnografia virtual foi eleita como metodologia de investigação e posterior análise de conteúdo. Participaram da pesquisa 15 grupos de TDAH, todos de acesso público na comunidade virtual Facebook e a coleta de dados ocorreu por meio de observação anônima no mês de junho de 2022. Resultados: emergiram três categorias: Dificuldades relatadas por mães de filhos com TDAH em comunidade virtual do Facebook durante o período de isolamento social causado pela COVID-19; Percalços na alfabetização de indivíduos com TDAH e Implicações entre o diagnóstico; uso/não uso de medicamentos psicotrópicos a partir de relatos das mães de filhos com TDAH. Conclusão: o isolamento social e o confinamento domiciliar afetaram negativamente a vida dos indivíduos com TDAH, bem como seu diagnóstico, tratamento e a continuidade do cuidado. O uso da tecnologia e das comunidades

¹Enfermeiro. Doutorando em Enfermagem pela Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil. Docente Adjunto no Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, Cascavel, Paraná, Brasil. E-mail: maycon-cheffer@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9361-0152>

²Discente de Enfermagem no Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, Cascavel, Paraná, Brasil. E-mail: jakeantunes100@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0733-1139>

³Enfermeira. Mestre em Educação pela Faculdade Pequeno Príncipe, Curitiba. Docente Adjunta do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, Cascavel, Paraná, Brasil. E-mail: renatazanella@fag.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5678-5108>

⁴Enfermeira. Mestre em Ensino nas Ciências da Saúde pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Docente Adjunta do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, Cascavel, Paraná, Brasil. E-mail: tcamposzto@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9180-3268>

⁵Discente de Enfermagem no Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, Cascavel, Paraná, Brasil. E-mail: luanapweizemann@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0470-4326>

⁶Enfermeira. Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, Brasil. Docente Adjunta da Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: ieda1618@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4205-6841>

virtuais em redes sociais foi um grande alicerce de apoio e compartilhamento de informações nesse período.

Palavras-chave: Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade; Metilfenidato; Covid-19; Isolamento Social.

ABSTRACT

Objective: to describe the impact of social isolation caused by the COVID-19 pandemic on individuals with Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD). **Methods:** The research was developed from the perspective of Medical Anthropology. Virtual ethnography was chosen as a research methodology and subsequent content analysis. Fifteen ADHD groups participated in the research, all publicly accessible on the Facebook virtual community, and data collection took place through anonymous observation in June 2022. **Results:** three categories emerged: Difficulties reported by mothers of children with ADHD in the community Facebook during the period of social isolation caused by COVID-19; Mistakes in the literacy of individuals with ADHD and Implications between diagnosis; use/non-use of psychotropic medication based on reports of mothers of children with ADHD. **Conclusion:** social isolation and home confinement negatively affected the lives of individuals with ADHD, as well as their diagnosis, treatment and continuity of care. The use of technology and virtual communities in social networks was a great foundation of support and information sharing during this period.

Key words: Attention Deficit Disorder with Hyperactivity; Methylphenidate; Covid-19. Social Isolation.

Artigo recebido em: 28/01/2023

Artigo aprovado em: 29/05/2023

Artigo publicado em: 22/06/2023

INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019 o mundo se deparou com um novo vírus, o SARS-CoV-2, causador da doença COVID-19. Este vírus teve uma rápida propagação por todo o mundo, e em março de 2020 a Organização Mundial da saúde (OMS) o declarou como pandemia. Medidas para que ele fosse contido tiveram que ser adotadas rapidamente, e com isso adotou-se o distanciamento e isolamento social. Escolas e estabelecimentos como restaurantes e casas de eventos tiveram que ser fechadas, a população teve que se acostumar a passar a maior parte do tempo em casa, sem contato social e em isolamento domiciliar¹.

Diante desse novo modelo social, surgiram preocupações com a saúde mental das pessoas. O distanciamento social mudou os padrões de comportamento na

sociedade, as escolas fechadas, os métodos e a logística de trabalho e lazer alterados e o contato próximo entre as pessoas, que é muito importante para a saúde mental, foi interrompido¹.

Os pacientes com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) representam uma população com um potencial risco de agravamento do quadro clínico diante do isolamento social causado pela pandemia da COVID-19, uma vez que são pouco tolerantes a quebra da rotina e, por apresentarem maior dificuldade de concentração e inquietude, tendem a apresentar uma menor adaptação ao modelo de ensino a distância ou ao trabalho remoto².

Segundo a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA), o TDAH é um transtorno neurológico, de causas genéticas, que aparece na infância e frequentemente acompanha o indivíduo por toda a sua vida. Ele se caracteriza por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade³.

O confinamento piorou os sintomas do TDAH e a experiência negativa com o próprio transtorno, pois os indivíduos precisavam ficar trancados. Crianças e adolescentes ficaram mais estressados e podem ter desenvolvido mais comorbidades, como depressão e ansiedade, que aumentaram em até 25% durante a pandemia. O uso das redes sociais surgiu nesse período como alicerce para a maioria das pessoas⁴.

A tecnologia surge como um componente fundamental do processo de isolamento, permitindo que as pessoas atendam às suas necessidades de contato interpessoal e profissional com os outros. Essa possibilidade destaca os efeitos prejudiciais da distância social e seus efeitos econômicos correspondentes⁵. As tecnologias digitais são portas de entrada para um novo mundo na pesquisa antropológica, uma vez que, além de processadores de texto, computadores e dados armazenados em redes são usados como ferramentas de pesquisa, e podem pertencer a um fenômeno social que surge como “era da informação”⁶.

Nessa perspectiva, o estudo se justifica na busca por compreender como a tríade tecnologia, isolamento social e pessoas com TDAH passou por esse momento durante a pandemia causada pela COVID-19. Pressupõe-se que o isolamento social causado pela pandemia da COVID-19 tenha modificado negativamente o modo de ser e viver de indivíduos com TDAH, em especial o público infanto-juvenil. Dessa maneira, este estudo tem como objetivo descrever o impacto do isolamento social causado pela pandemia da COVID-19 em indivíduos com TDAH.

METODOLOGIA

Ao considerarmos que a pesquisa não é uma ação independente, intermitente, mas uma atitude processual de investigação que possui um caminho metodológico a percorrer com instrumentos cientificamente apropriados, esta pesquisa foi desenvolvida a partir da perspectiva da antropologia médica.

Ao abordar temas relacionados à saúde e a doença, segundo Campos⁷ é importante:

Compreender a partir das experiências cotidianas atreladas ao imaginário de cada sociedade e de cada época, tudo sempre correlacionado com os sentidos e os significados elaborados diante do modo como as pessoas vivenciam suas experiências [...]. De modo que o processo de saúde e doença não é uma simples expressão da situação biológica do organismo como um todo. Diríamos que são muito mais valores sociais historicamente colocados, e, por causa disso, devem ser pensados em sua complexidade. Assim, portanto, não podemos apreender esse processo apenas em seu aspecto biológico, o qual enfatiza uma concepção reducionista, mas precisamos considerar outros elementos relevantes que podem nele interferir, por exemplo, a cultura e a religiosidade^(7:20).

Nesse sentido, utilizar a antropologia pode ser algo complementar e enriquecedor no que tange o objetivo desta pesquisa. Visto que, como mencionado anteriormente, saúde e doença estão para além do biológico, pois envolvem aspectos culturais, sociais, políticos, econômicos, demandam de concepções filosóficas, religiosas, questões individuais e afetivas. Assim, a antropologia médica surge “ao lado da sociologia da saúde e da epidemiologia, contribuir para ampliar o contexto que deve ser levado em consideração na leitura dos processos patológicos”^(8:498).

Nesta perspectiva, implica entender como os fatores físicos, sociais, culturais e linguísticos moldam as maneiras pelas quais as pessoas experimentam seus próprios corpos e doenças, uma vez que a antropologia médica utiliza uma multiplicidade de métodos, os quais incluem, por exemplo, observação participante, entrevistas, pesquisas, grupos focais e estudos de caso⁹⁻¹¹.

Na diligência de tecer compreensões sobre o impacto do isolamento social durante a pandemia causada pela COVID-19 em indivíduos com TDAH, e considerando que os aspectos biológicos estivessem articulados ao cultural, utilizou-se como metodologia de investigação a etnografia virtual para coleta de dados em grupos de acesso público na rede social Facebook. De acordo com Costa e Gualda¹²:

A etnografia constrói-se baseada na ideia de que os comportamentos humanos só podem ser devidamente compreendidos e explicados se tomarmos como referência o contexto social no qual são observados [...]. O fazer etnográfico pressupõe uma 'descrição densa' da interpretação própria que cada indivíduo faz das coisas, dos acontecimentos, dos fatos, dos fenômenos [...]. O método etnográfico define-se pelas técnicas de entrevista e observação participante para coleta de informações [...] (COSTA; GUALDA, 2010, p. 931-932).^(12:931-932).

Sendo assim, a etnografia neste contexto da pesquisa configura-se como algo pertinente, uma vez que é pertinente desvelar as relações construídas nas redes sociais, neste caso no Facebook. É oportuno salientar que consideramos que os ambientes virtuais possibilitam que as pessoas interajam e compartilhem informações em sua originalidade social/histórica.

E neste contexto, em especial no Facebook, campo desta pesquisa, que a etnografia foi aplicada, uma vez que ela se configura como uma metodologia que permite olhar e refletir como as relações se constroem e se movem no espaço virtual.

A etnografia trabalha com grupos de pessoas e não apenas com indivíduos. Como tal, é um método que busca estudar grupos de pessoas organizados em comunidades ou sociedades. É a arte e a ciência de descrever um grupo humano, bem como suas instituições, comportamentos interpessoais, produtos materiais e crenças. A coleta de dados é realizada sobre as experiências humanas vivenciadas, identificando padrões ao invés de descrever todos os cenários possíveis para interação ou produção, o que significa literalmente "a descrição de um povo"¹³.

Percebemos que a vida on-line se tornou bastante usual na contemporaneidade, assim o campo virtual pode ser seguramente incorporado como locus de pesquisa pela etnografia. Nesta perspectiva, a escolha por comunidades públicas deu-se pelo fato de poderem ser acessadas livremente sem causar interferências.

Skågeby¹⁴ elenca os tipos de observações que podem ser aplicadas em pesquisas qualitativas nas redes sociais. Optou-se pela observação oculta, na qual o pesquisador é membro da comunidade na rede social, porém não interage, permanecendo invisível na leitura dos fenômenos sociais que ali ocorrem.

A invisibilidade do pesquisador em relação ao pesquisado apresenta a excepcional possibilidade de coleta de dados 'naturais', já que não acontece modificação no comportamento dos informantes mediante a ciência da observação¹⁵.

Assim, optou-se por permanecer como observador oculto, já que o objetivo da pesquisa não era a participação, mas sim a compreensão de como o período de isolamento social em decorrência da pandemia causada pela COVID-19 influenciou seus participantes no que tange o TDAH. Em relação à coleta dos dados, ela ocorreu nos dias 08, 09 e 10 de junho de 2022, no ambiente virtual, ou seja, no Facebook.

Como critérios de inclusão foram selecionadas somente as comunidades públicas virtuais do Facebook de acesso livre com título que tivesse enfoque no TDAH, de maneira exploratória. Essas comunidades obrigatoriamente precisavam ser constituídas por familiares de crianças e adolescentes com TDAH e com a presença de discussões/opiniões entre os participantes.

Foram excluídas do rol da pesquisa as demais comunidades que não fossem de acesso público e aquelas comunidades públicas virtuais do Facebook que não abordassem a temática.

Para refinar a busca pelas interações dos membros no grupo virtual utilizaram-se como palavras-chave para o recrutamento das narrativas os termos "quarentena", "pandemia" e "isolamento", todas buscadas de maneira independente.

Ao todo foram encontradas 24 comunidades de TDAH no Facebook, porém, apenas 15 comunidades eram públicas e de acesso livre, as quais foram selecionadas como fontes dos dados da pesquisa. Assim, foram captadas somente as narrativas que continham relatos sobre o impacto do isolamento social causado na vida de pessoas com TDAH. Optou-se por excluir da coleta de dados publicações compartilhadas por outras pessoas, publicidade ou propaganda dentro dos grupos.

Vale ressaltar que apenas publicações diretas dos membros dos grupos e comentários nas postagens foram selecionadas na íntegra, considerando os critérios de exclusão.

Após a coleta dos dados, as narrativas foram ordenadas por meio da técnica de Análise de Conteúdo¹⁶. Decorremos desta forma porque, segundo Bardin¹⁶, essa técnica de organização e análise dos dados possibilita descrever o cotidiano e as experiências das pessoas, bem como as suas percepções sobre dado objeto e seus aspectos.

A análise de conteúdo se configura nas seguintes fases: pré-análise, exploração do material ou codificação; e tratamento dos resultados obtidos/interpretação^{16,7}. Ressaltamos que, nesta pesquisa, na etapa de pré-análise foi realizada leitura flutuante e interpretativa do conjunto de dados, seguida de leitura extenuante para definição das unidades temáticas.

Na etapa da exploração, a partir das informações obtidas foi elaborada uma nuvem de palavras por frequência e similitude, além da classificação e definição das categorias (códigos). Por um processo de aproximação e distanciamento, os principais temas foram identificados e nomeados durante a análise de dados.

No decorrer do texto buscou-se apresentar recortes das narrativas na íntegra, conforme constam na rede social, preservando o anonimato dos participantes da comunidade, cujos nomes não foram coletados e as narrativas não estão identificadas.

No que concerne ao tratamento dos resultados obtidos e interpretação, emergiram três categorias, as quais são apresentadas e discutidas a seguir. Ainda destacamos que, após concluir os passos da análise de conteúdo, foi-nos factível depreender e tecer comentários, cumprindo a correlação com a fundamentação teórica previamente construída, o que, conseqüentemente, facultou suscitar outras discussões vinculadas aos dados da pesquisa que não precisou ser submetida ao comitê de ética.

RESULTADOS

As narrativas selecionadas foram em sua maioria de diálogos entre mães que manifestaram por vontade própria postar suas experiências com seus filhos em relação ao TDAH, a interação com outras participantes da comunidade virtual Facebook, aconteceu de maneira natural entre os integrantes dos grupos, descrevendo situações vivenciadas durante o período de isolamento causado pela COVID-19. Percebeu-se que poucos pais se manifestaram nos referidos grupos. A partir das narrativas encontradas, os pesquisadores por meio da análise de conteúdo elencaram três categorias: dificuldades relatadas por mães de filhos com TDAH em comunidade virtual do Facebook durante o período de isolamento social causado pela COVID-19; percalços na alfabetização de indivíduos com TDAH e implicações entre o

Meu!!! Quero saber como vcs estão trabalhando nessa pandemia porque eu já não dava conta.... Agora tô pirando a cada dia...

Meninas, dias muito complicado, pois ficamos sem receita da Ritalina, tenho muita limitação por dor intratável. aulas online muito difícil de concentrar um TDAH, Mas creio que vamos vencer em nome de Jesus [...].

Todo o trabalho construído ao longo de quase 1 ano com psicóloga, psicopedagoga, neuro, remédio e adaptações na escola foi todo perdido. Quando retornar à normalidade vamos ter que recomeçar tudo de novo.

[...] realizaram encaminhamento para o neuro e pro psicólogo ano passado mais essa pandemia azeda tudo.

[...] Estou exausta... sendo terapeuta e professora dele nesse período, mas tá valendo apena.

Eu! Na pandemia quase enlouqueci! Meu menino não era medicado, meu apartamento não tem parque e nada de recreação! [...].

[...] está sendo muito difícil nessa quarentena, mais vamos passar por tudo com mais conhecimentos.

Difícil para todos, mas vamos conseguir, somos mais fortes e acima de tudo fazemos o melhor para quem amamos.

[...] Ele era super comportado. Após pandemia, com a perda de seu melhor amigo seu tio, e outros familiares, se transformou completamente, e se comporta como criança... só com terapias, medicamentos e paciência, amor é que está no controle.

Acho que o que mais incomoda a nós enquanto mãe é quanto ao isolamento, pois não queremos ver eles sofrerem, tampouco se sentirem sozinhos. Acredito que esse é o caminho, pelo menos para os casos menos "graves", pensar em alternativas, estratégias de concentração que o ajude a lidar com as desatenções e impulsividade cotidiana. E com o tempo, acontece isso que relatou, eles mesmos vão se adaptando e até criando seus próprios mecanismos que ajudem a driblar os sintomas.

[...] até o início do ano estava frequentando a natação esse ano eu tirei por conta do Covid-19. Perdemos a minha sogra com Covid-19 então fiquei com muito medo. A rotina dele também mudou e isso foi muito ruim.

[...] estou pagando 550,00 a Consulta. Ele não atende pelo plano de saúde então como tenho dois filhos em tratamento com ele e esta pandemia que fez cair muito o trabalho e rendimento familiar me faz a consulta por 350,00. O medicamento é R\$ 372,00 [...].

A pandemia afetou e mudou a vida da maioria das pessoas, principalmente de mães e pais no tratamento e na educação de seus filhos com TDAH. Tentar educar em casa e dar continuidade no tratamento para que ele fosse efetivo acabou causando estresse e até mesmo exaustão para os pais.

CATEGORIA 2: PERCALÇOS NA ALFABETIZAÇÃO DE INDIVÍDUOS COM TDAH

Sua filha está no primeiro ano, não é? Acredito que a equipe pedagógica não teve contato com sua filha, devido a pandemia. Mas, após os exames, o médico deve encaminhar para outros especialistas, principalmente para auxiliar na parte cognitiva, no desenvolvimento escolar.

Então, a minha filha está lendo e escrevendo... Estou tentando alfabetizar em casa durante a pandemia [...].

Mães como que vocês estão lidando com as aulas on-line? Meu filho 5 anos 1° serie, não aprende nada, estou desanimada demais.

[...] Ela tem 6 anos. Já lê pequenas palavras. Mas se não fosse a pandemia, ela não leria, porque as professoras só reclamavam dela.

Meu filho tem 9 anos não sabe lê nem escrever por conta dos problemas da covid que atrapalhou bem mais. [...].

Meu filho foi reprovado na escola eu já esperava, pois ele odiava as aulas online, e somente 4 meses não seria o suficiente para recuperar quase 2 anos sem ir para escola... Sempre tenho as mesmas reclamações, que ele não se concentra não quer ficar na sala de aula, pede para ir ao banheiro o tempo todo, que não gosta de brincar com as crianças da idade dele sempre quer ficar com crianças mais novas... [...].

[...] Meu filho tem 8 anos é muito falante... Ama dinossauros, animais, ciências, experiências científicas... Entende muito sobre o assunto, ele mesmo pesquisa, e adora falar sobre isso! Devido a pandemia ele ficou praticamente 1 ano e meio em casa tendo aula remota. Voltou pra aula presencial agora 1 mês.... E desde então tenho me incomodado muito com a escola, porque alega não ser normal essa fissura dele pelos dinossauros... Ele fala tudo corretamente, reconhece números e letras, sabe escrever seu nome, sabe copiar do quadro, está aprendendo a escrever emendado, mas ainda não sabe ler. A escola diz que ninguém quer ser amigo dele, por ele só fala dessas coisas que é um assunto que ele domina muito bem... Ele adora ir pra escola, mas a maioria das vezes fica triste porque tudo que ele vai falar ou fazer mandam ele pra direção e isolam ele das outras crianças [...].

[...] minha filha ela era para tá na quarta série, mas por conta da dificuldade em ser alfabetizada e por causa da pandemia ela reprovou.

Alguma mãe tem relato da dificuldade em alfabetização do filho com TDAH? Meu filho tem 7 anos, está na segunda série, mesmo com a pandemia pus ele numa professora para alfabetizá-lo, mas ele esquece, não consegue aprender o alfabeto [...].

Sofro até agora com a alfabetização.

[...] Ele é acompanhado desde o nascimento, nos primeiros meses de vida fez acompanhamento com fisioterapeuta e fonoaudióloga, que ajudou no seu desenvolvimento, hoje ele tem 7 anos e está quase alfabetizado, por eu ser educadora, estudante de pedagogia e pesquiso a área de deficiências, consigo fazer intervenções pedagógicas durante o dia, por isso não frequenta psicopedagoga, tenho bastante materiais pedagógicos em casa.

[...] O neuropediatra do meu filho pediu pra levar na escola, só que a escola disse que não tem direito [...].

[...] esse isolamento social, prejudicou bastante nossas crianças! A escola é um ótimo espaço de convivência e desenvolvimento! [...].

[...] sempre pensamos no ensino domiciliar e a pandemia facilitou esse processo. [...] Agora ela está no 3ºano [...] comigo ela aprendeu coisas que na escola não conseguiria aprender. Quando acabar a pandemia vou continuar com ensino domiciliar!

[...] tem 7 agora, ele não sabe ler nem escrever, soube agora na segunda série o que é Colégio, a pandemia atrapalhou muitas crianças nessa faixa etária tb. [...] ele gosta muito do colégio, só falta ajuda para ter foco na alfabetização.

É possível perceber que os percalços enfrentados no que se refere ao processo de alfabetização, principalmente de crianças e adolescentes com TDAH durante o isolamento social causado pela pandemia da COVID-19, não se restringiram apenas ao período de isolamento social, ainda repercutem de maneira negativa mesmo com o retorno das aulas presenciais no ambiente escolar.

CATEGORIA 3: IMPLICAÇÕES ENTRE O DIAGNÓSTICO, USO/NÃO USO DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS A PARTIR DE RELATOS DAS MÃES DE FILHOS COM TDAH

[...]Então, quem orientou foi a escola, ela gagueja muito e tem época que não gagueja, por isso a professora orientou leva lá na fono. Eu já havia levado, na fono, nas disseram que era para esperar um pouco, pois a criança era muito nova e com o tempo isso poderia passar e na escola as professoras perceberam a agitação e a fala na terceira pessoa. Por conta da pandemia só pude levá-la ao neuro agora, (quem pediu um parecer do neuropediatra foi a fono) está tudo bem confuso. Não sei como é esse mapeamento cerebral [...].

Hoje a levei ao neuropediatra, que passou vários exames de sangue e mapeamento cerebral! Além de encaminhá-la para um psicólogo, mais alguém nessa situação? Ela é bem dispersa ao mesmo tempo agitada, as vezes acho que vou pirar.

[...] Tenho uma filha TDAH, com sete anos. Ela está numa fase em que tem medo de tudo! Não fica sozinha de forma alguma. Se estamos no mesmo cômodo e eu me retiro, ela sai desesperada atrás. Sempre foi muito apegada a mim, mas agora está muito mais!

Desde o começo da quarentena, não consigo encontrar o remédio. O meu psiquiatra disse que a matéria-prima não é produzida no Brasil e, por causa da pandemia, estamos com dificuldade de importar. Infelizmente, precisei voltar temporariamente para a Ritalina.

[...] meu filho tem apresentado comportamentos muito estranhos, mas ele sempre foi uma criança agitada, porém nunca levei na psicóloga mais pretendo levar, hoje ele tem nove anos, porém tem um comportamento de uma criança que tem 5 a 6 anos as vezes fica rindo sozinho [...] eu percebi que não é um comportamento de criança de 9 anos!! Enquanto na quarentena só tô dando chá de erva cidreira pra ele, isso acalma um pouco. [...] Me indicaram também da passiflora pra ele enquanto essa pandemia não acaba, até eu procurar um especialista pra ele.

Aqui o Ritalina já está em desuso. Acho uma psicoterapia ajudaria além dos remédios. E sobre engordar acho que é um efeito também do isolamento né?

Ele já faz tratamento há 2 anos e meio e teve excelentes resultados. Faz terapia, psicopedagoga, toma o Concerta 18mg em dias de aula, até antes da pandemia fazia acompanhamento com fono.

[...] Vi que ele era e seria impulsivo [...] eu carreguei está dúvida comigo por mais 6 anos. até que a pandemia me fez conviver mais com meu filho e perceber que ele precisava urgente de ajuda profissional. Levei ele na neuro e fiz o laudo com a neuropsicóloga, o laudo saiu este mês e o diagnóstico? TDAH e dispraxia leve. Ainda estamos nos acostumando com isso[...].

Meu filho foi diagnosticado recentemente com TDAH, [...], levei no neuropediatra que receitou o Metilfenidato. Ontem dei o primeiro comprimido e confesso que fiquei um tanto assustada com a reação. [...] Com a medicação após chegar da escola notei um comportamento estranho. Tinha necessidade de falar o tempo todo pausadamente, notei que ele não conseguia se expressar, falava várias coisas, umas até sem sentido. Mexia muita com as mãos e boca. Queixou que precisava respirar. Queixou até de "dor no coração " o que imaginei ser palpitações. Por fim, não tinha apetite e ficou sem sono. Costuma sempre adormecer por volta das 10hs e foi dormir já era quase 1h da manhã.

Tô com encaminhamento do meu filho (12anos) para neurologista para fechar (ou não) diagnóstico de TDAH. [...] Já levei em outros dois, mas esses só olharam, sem nenhuma consulta "aprofundada" e já quiserem dar remédio. Tô vendo meu filho perdido na escola, não aprendendo nada, se diminuindo a cada dia com papo de "ninguém gosta de mim", "sou chato", "sou o lerdão", [...]. Levei numa primeira consulta com psicopedagoga, mas ainda não me deu uma "direção".

Hoje levei minha filha a neuro. Ela manteve a Ritalina, para ir para a escola. Minha filha tem TDAH combinado.

Eu ainda tenho tantas dúvidas sobre o TDAH, meu menino evoluiu tão bem depois que mudei e ele fez novas amizades, e quando eu passei o ano com ele o tempo todo por conta da pandemia! que as vezes penso será que o laudo está correto? Nunca foi medicado ele tem 8 anos descobriu aos 7, ele é do tipo desatento [...], me sinto confusa [...].

[...] o médico recitou Ritalina, foi muito boa a aceitação dele, ao menos na questão da concentração na escola e nos deveres de casa. Ele já faz uso a três anos, apenas uma vez ao dia, apenas meia hora antes de ir para a escola, agora com a pandemia está tomando em casa.

Quão foi decepcionante para vocês foi a primeira consulta com neurologista? Acabei de sair da primeira consulta e o médico mal olhou o encaminhamento

da psicóloga pra ele, mal leu o que foi falado pela escola nos relatórios e já deu um xarope manipulado. Ele nem conversou com meu filho! [...].

[...] ela fez uso de medicação até o início do ano só que paramos com a pandemia. Meu marido desempregado. Muito caro. Venvanse era o remédio.

[...] Com medicação ele não se alimenta. Fiquei com medo da imunidade dele cair. Eu prefiro ficar andando atrás dele pra passar a matéria, explicar geografia enquanto ele vira estrelinha (sim, ele faz isso) prefiro tudo isso que ele ficar doente. Então cortei.

Minha filha não toma remédio e nem vou dar, mas eu dando aula percebo que não tem atenção nenhuma.

Meu filho tomou Ritalina por 3 meses e só teve melhoras, porém doutora trocou por conta da pandemia e por ter aflorado ainda mais a ansiedade nele, ela receitou o risperidona [...].

[...] O médico receitou Ritalina 10mg, ela tomou por um ano mais começou a se sentir mal quando tomava e o outro médico suspendeu o uso [...] vou atrás de um neurologista.

[...] fui em dois neuros início da pandemia e mais para o meio da pandemia, os dois me falaram a mesma coisa, não tem como avaliar uma criança que era extremamente ativa e ficava em turno integral na escola e de um dia para o outro passou a ficar trancada dentro de um apartamento, esperaram iniciar as aulas presenciais para então conseguirem avaliar melhor e então diagnosticar.

[...] Meu filho tem TDH e fazia uso de Ritalina, com a pandemia não conseguia retornar ao médico para atualizar a receita dele.

[...] Meu filho, usa Ritalina, melhorou bastante nessa pandemia.

[...] Vou dar entrada para encaminhamento psicológico para ver se ela realmente tem TDAH ou se isso é resultado de 2 anos de pandemia, onde uma criança não teve sua infância com contato com outras crianças e praticamente presa em casa por conta do isolamento.

Foi diagnosticado com 3 anos e com o passar do tempo só foi piorando. Nos 2 anos de isolamento só piorou porque veio a depressão e a puberdade. [...] encontrei uma neuropediatra que pediu acompanhamento com psiquiatra e psicóloga. Hoje medicado e 80% bem melhor.

[...] Ainda estou perdida [...] Medo de errar dando medicamento, medo de errar não dando medicamento.

Percebe-se que há muita controvérsia relacionada ao uso de medicações. O tratamento deveria ser feito não apenas com o uso da medicação, mas também com equipe multiprofissional, como psicólogos e terapeutas ocupacionais.

DISCUSSÃO

A pandemia dificultou o atendimento às pessoas com TDAH, priorizou outras atividades causadas pela doença provocada pelo coronavírus, o que resultou em inúmeras mudanças no cronograma de atendimento bem como equipes de saúde incompletas. Profissionais foram remanejados e isso impede qualquer acompanhamento integral¹⁷. Também foi evidenciado no estudo como o momento de isolamento prejudicou o relacionamento interpessoal, assim como intensificou sintomas do TDAH.

A pandemia gerou mudanças sem precedentes na vida das pessoas em todo o mundo por meio de confinamento, fechamento de escolas, dificuldades socioeconômicas e estresse familiar. Os principais efeitos sobre a saúde mental nesse período foram a ansiedade e a depressão, juntamente com o agravamento de condições pré-existentes. O confinamento levou as famílias a passar mais tempo juntas, mas também expostas ao estresse econômico e relacional e a conseguir lidar com as responsabilidades de trabalho, escola e casa, associando por vezes esse estresse a situações de conflituosas¹⁸.

Arelado a isso, o fechamento de escolas durante a pandemia de COVID-19 interferiu diretamente no aprendizado das crianças, a superproteção dos pais diante do medo de sair de casa agravou os sintomas de hiperatividade que refletiu em dificuldades em fazer com que seus filhos aprendessem em casa, o que potencializou situações conflituosas e estressantes diante das tentativas de aprendizagem¹⁹.

No que diz respeito à otimização das intervenções medicamentosas, as dificuldades causadas pela pandemia do COVID-19 estão relacionadas com o fechamento das escolas e, conseqüentemente, a falta de relatórios escolares em que é dado o feedback dos alunos durante a titulação dos medicamentos, dificultando assim a avaliação dos efeitos do tratamento².

Indivíduos com TDAH apresentam taxas de infecção mais altas e piores resultados de Covi-19, contudo, quando em uso da medicação psicoestimulante está reduz os resultados negativos a saúde quando relacionados ao TDAH, bem como o risco de utilizar o departamento de urgência e serviços de terapia intensiva, contudo mais pesquisas precisam ser realizadas para confirmar e refinar esses achados²⁰. Observou-se nos relatos de muitas mães a preocupação com o uso de medicamentos para o TDAH. Houve muitos efeitos colaterais, e muitas famílias optaram pela interrupção do uso de medicações durante esse período.

CONCLUSÃO

Durante o isolamento social e o confinamento domiciliar houve um impacto negativo em indivíduos com TDAH, além de afetar significativamente o diagnóstico e

tratamento dos pacientes, houve um regresso na questão da aprendizagem no período da pandemia.

O tratamento e o diagnóstico do TDAH foram bastante prejudicados. A incapacidade de realizar consultas médicas presenciais causou atrasos no diagnóstico, e muitas crianças tiveram que parar de realizar terapias, o que acabou agravando os sintomas do TDAH.

Durante este período a tecnologia se tornou uma grande aliada da população. A criação de grupos em redes sociais para que as pessoas conseguissem compartilhar suas experiências e suas angústias com outras pessoas que estavam passando por situações parecidas foi de extrema importância.

Em resumo, a relação entre o isolamento social e o TDAH se mostrou desafiadora para muitas pessoas, entretanto, os seres humanos, com suas incríveis habilidades de adaptação e superação, conseguiram passar por esse tenebroso período, com novos conhecimentos e inovações.

REFERÊNCIAS

1. Biblioteca Virtual em Saúde. Saúde mental e a pandemia de Covid-19 [Internet]. Brasília: BVS; 2022 [cited 2022 Sep 13]. Available from: <https://bvsmms.saude.gov.br/saude-mental-e-a-pandemia-de-covid-19/>.
2. Carvalho LB, Vargas GH, Bom IO, Espírito Santo GR, Jaudy TA. A influência da pandemia do Covid-19 nos pacientes com transtorno do déficit de atenção e/ou hiperatividade (TDAH). *Coorte* [Internet]. 2022 [cited 2022 Oct 16];(3):114-25. Available from: <http://www.revistacoorte.com.br/index.php/coorte/article/view/216>.
3. Associação Brasileira de Déficit de Atenção. O que é TDAH [Internet]. Rio de Janeiro: ABDA; 2022 [cited 2022 Oct 14]. Available from: <https://tdah.org.br/sobre-tdah/o-que-e-tdah/>.
4. Montano, F. TDAH: como a pandemia afetou as crianças com o transtorno [Internet]. Rio de Janeiro: Globo; 2022 [cited 2022 Sep 13]. Available from: <https://revistacrescer.globo.com/Educacao-Comportamento/noticia/2022/01/tdah-como-pandemia-afetou-criancas-com-o-transtorno.html>.
5. Centro Universitário Unileão. Tecnologia se torna ainda mais necessária na pandemia [Internet]. Juazeiro do Norte: Unileão; 2020 [cited 2022 Sep 13]. Available from: <https://unileao.edu.br/2020/04/24/tecnologia-se-torna-ainda-mais-necessaria-na-pandemia/>
6. Pereira SC, Mendes SP. Um debate sobre o campo online e a etnografia virtual. *TECCOGS* [Internet]. 2020[cited 2022 Sep 13];(21):196-212. Available from: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teccogs/article/view/51740>.

7. Campos TA. O caleidoscópio do processo de saúde e doença na percepção de professores do ensino médio dos colégios públicos do município de Cascavel/PR [master's thesis]. Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná; 2018 [cited 2022 Jun 16]. 136 p. Available from: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/3901>.
8. Uchôa E, Vidal JM. Antropologia médica: elementos conceituais e metodológicos para uma abordagem da saúde e da doença. *Cad Saúde Pública* [Internet]. 1994 [cited 2022 Jun 16];10(4):497-504. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1994000400010>.
9. Alves PC, Rabelo MC, organizators. *Antropologia da saúde: traçando identidade e explorando fronteiras*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998 [cited 2022 Jun 16]. Available from: <https://static.scielo.org/scielobooks/by55h/pdf/alves-9788575414040.pdf>.
10. Hernáez AM. *Antropología médica: teorías sobre la cultura, el poder y la enfermedad*. Barcelona: Anthropos; 2008.
11. Saillant F, Genest S, organizators. *Antropologia médica: ancoragens locais, desafios globais*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2012.
12. Costa GM, Gualda DM. Antropologia, etnografia e narrativa: caminhos que se cruzam na compreensão do processo saúde-doença. *Hist cienc saude-Manguinhos* [Internet]. 2010 [cited 2022 Jun 16];17(4):925-37. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702010000400005>.
13. Angrosino M. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed; 2009. 139 p.
14. Skågeby J. Online ethnographic methods: towards a qualitative understanding of virtual community practices. In: Daniel BK, organizator. *Handbook of research on methods and techniques for studying virtual communities: paradigms and phenomena*. Hershey PA: IGI Global; 2011. p. 410-28.
15. Varis P. Digital ethnography. *Tilburg papers in culture studies*. 2014 [cited 2022 Jun 16](104). Available from: https://pure.uvt.nl/ws/portalfiles/portal/30479758/TPCS_104_Varis.pdf.
16. Bardin L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70; 2016.
17. Cheffer MH, Shibukawa BM, Borges GS, Dietrichkeit ET, Campos TA, Salci MA et al. Menores em uso de Ritalina: percalços no acompanhamento da Atenção Primária à Saúde. *Rev RENE* [Internet]. 2022 [cited 2022 Feb 14];23:e72148. Available from: <http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/72148/218164>.
18. Parra, MDR. Efectos de la pandemia COVID-19 en la salud mental infanto juvenil: revisión bibliográfica: Effects of the COVID-19 pandemic on the mental health of children and adolescents: a bibliographic review. *ARS MEDICA Revista*

De Ciências Médicas, 2022, 47(3): 23-31. Available from:
<https://doi.org/10.11565/arsmed.v47i3.1913>.

19. Chen CY, Chen JS, Lin CY, Hsiao RC, Tsai CS, Yen CF. Difficulties in Managing Children’s Learning among Caregivers of Children with Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder during the COVID-19 Pandemic in Taiwan: Association with Worsened Behavioral and Emotional Symptoms. *International Journal of Environmental Research and Public Health*. 2022;19(21):13722.
20. Tuan WJ, Babinski DE, Rabago DP, Zgierska AE. Treatment with stimulants and the risk of COVID-19 complications in adults with ADHD. *Brain Research Bulletin*. 2022; 187:155–61.